

Memória
Viva do
Bairro

Consolação

Vitória / ES

Nossa 
história
Nossos Bem

Território do Bem - Vitória - ES



Realizado com recurso do
Funcultura

**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**
Secretaria da Cultura



ibram

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



Apresentação

O Ponto de Memória Nossa História Nosso Bem, contemplado no Prêmio da SECULT/ES – “Criação de Pontos de Memória”, com a intenção de resgatar e preservar fatos e conhecimentos não presentes na história oficial, valorizando a memória social e fortalecendo a identidade do Território do Bem fez rodadas de conversa, individuais e coletivas, com moradores que vivenciaram a história de formação dos bairros São Benedito, Itararé, Consolação e das comunidades Floresta e Jaburu, na cidade de Vitória/ES.

Estimulando que o próprio Território pudesse olhar sobre si mesmo e suas referências locais, um grupo de lideranças, participante do Fórum Bem Maior (fórum de moradores do Território do Bem) foi convidado pelo Ateliê de Ideias para animar em seus espaços de atuação a ideia do resgate da história local.

Coube a essas lideranças a atuação como mediadores e conselheiros e a indicação do grupo de jovens moradores que participaram diretamente na realização do inventário participativo.

Os moradores mais antigos deram seus depoimentos e repassaram seus conhecimentos, dando destaque aos lugares que têm ou tiveram significado histórico.

Foram feitas pesquisas documental para ilustrar as informações transmitidas pelos moradores que vivenciaram a história. Fotos antigas e documentos foram localizados, com moradores, nos arquivos públicos, municipal e estadual, na Universidade Federal do Espírito Santo e na Prefeitura de Vitória.

E através da imersão em cada uma das etapas do inventário participativo os jovens estagiários tiveram a oportunidade de conhecer a trajetória histórica que originou a sua comunidade, compreendendo o passado e aquilo que os rodeia nesse instante.

Desse trabalho resultou uma coleção de histórias que se tornam referências culturais comunitárias em razão da história da formação dos bairros e comunidades do Território do Bem.

Denise Barbieri Biscotto e Valmir Rodrigues Dantas
Coordenadores do Ponto de Memória Nossa História Nosso Bem

O Território do Bem - Vitória/ES

Vitória-ES

No século XX, em função da ocupação dos morros, que refletem as luzes das casas nas águas da baía, **Vitória** passou a ser chamada de “*Cidade Presépio*”.

O Município de Vitória é composto por uma área continental e outras 34 ilhas. É constituído por 80 bairros, com população de 319.163 habitantes.



Foto de THAIS GOBBO

Território do Bem.

“[...] toda cidade vai cantar e finalmente vai voltar, aos tempos atrás, aos tempos da paz, ao tempo da consideração, quando era menos ambição e o coração valia muito mais.”

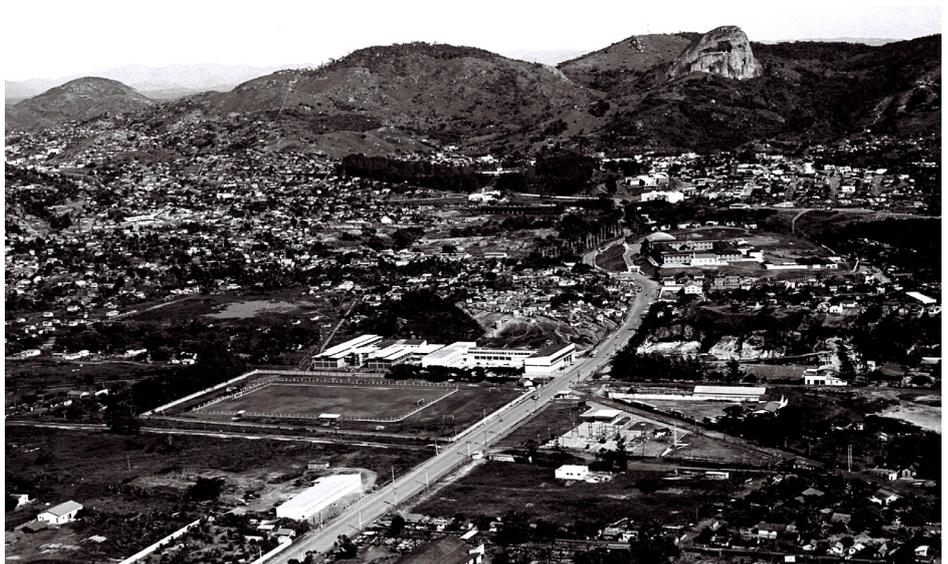
(Nelson Cavaquinho)

O Território do Bem. Este é o nome adotado pelos próprios moradores para uma região que é chamada de **Poligonal 1** pela **Prefeitura de Vitória, ES**. Esta poligonal, localizada na região central do Município, está circundada pelas avenidas **Leitão da Silva, Vitória, Maruípe e Marechal Campos** e é composta pelos bairros **Consolação, Bonfim, São Benedito, Bairro da Penha, Itararé** e pelas comunidades **Engenharia, Jaburu, Floresta** que juntos somam 32 mil habitantes (10% da população de **Vitória**).

A ocupação deste território começou no final dos anos 20, nas partes mais baixas e se intensificou na década de 60, nas partes mais altas, com migrantes do interior do **Espírito Santo** e também de outros estados, expulsos dos campos pela crise cafeeira e atraídos pela

industrialização recente da Capital e de seus entornos.

Sem estrutura para receber essa galopante migração campo-cidade, muitos problemas socioespaciais surgiram, principalmente a ocupação irregular de encostas e manguezais.



Av maruípe, em 1960



Fotos de Paulo Bonino,
arquivo SEDEC PMV,
da Avenida Leitão da Silva
em 1960 e em 2001

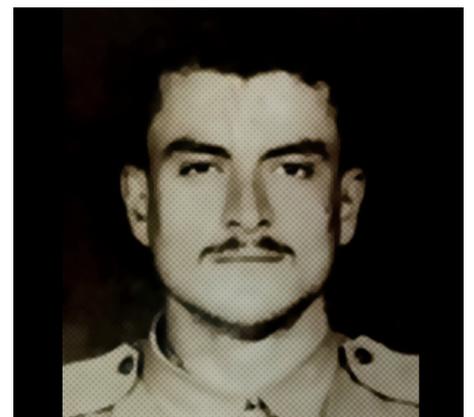


Sargento Carioca

Essas ocupações nem sempre eram pacíficas e o “**Sargento Carioca**” (um militar reformado do exército) foi o principal organizador tático das ocupações, que se dava com frequência durante as madrugadas, como forma de evitar o enfrentamento com

policiais. Os barracos erguidos eram muitas vezes derrubados pela polícia e pelos proprietários das terras, mas reerguidos pelos ocupantes.

ASCENDINO FAGUNDES DE AGUIAR
(Sargento Carioca)



Vitória, 01 de setembro de 1987

Exm. Sr.

Maria José Alves Araújo

& seus familiares.

HISTÓRICO DA IMAGEM DE SÃO BENEDITO
SITA EM SEU PODER. NO ALTO DO ITARARÉ

CÓPIA PARA MARIA JOSÉ ALVES ARAÚJO. FICAR COM MARIA JOSÉ ALVES ARAÚJO.

Eu, abaixo assinado, 3º Sargento PM Reformado, Ascendino Fagundes de Aguiar, conhecido por Sargento Carioca, sou natural do Estado do Rio de Janeiro, Petrópolis, sou conhecido pelo povo deste Estado, Vitória, Esp. Santo, pelas campanhas de Líder Proletário, porque resolvi em 1953 iniciar uma campanha por minha conta para ocupar, lotear ruas, reservando locais para a igreja Católica, local para Escola, Praças, com o povo, isto tudo feito, tudo foi conseguido, água, luz, calçamento, escadarias, creches, sempre consegui policiamentos; os marginais não tiveram tréguas, nunca houve tumultos com a lei, nem problemas com o governo, apesar da proibição, muitas vezes terrorista das autoridades, sempre foi proibido fazer barracos. A quem possa interessar as povoações, iniciaram o Bairro da Penha, 1953, Bomfim, 1955, Baixada e Alto Itararé 1961, Alto São Benedito 1963, Alto Consolação 1966, Bairros São Pedro I e II e demais 1977 e demais povoados na Grande Vitória. Fui candidato a Vereador desde 1958 até 1982, agradeço a todos os viventes conscientes que votaram e falaram a meu favor, sou um devedor a todos os eleitores em todas estas eleições, fico muito grato também, fico grato a todos os governos que atenderam meus apelos, junto com o povo. A favor das melhorias, inclusive as linhas de ônibus Alto Caratoíra, Penha, Alagoanos, 1964 e linha de Itararé, 1962, peço desculpas a todos os viventes por qualquer dano causado mais um homem sozinho desarmado tinha que atender fielmente a todos e a tudo, ficaria impossível sem cometer erros. Mas de fiz os erros peço desculpas.

HISTÓRICO: da Imagem São Benedito, 80 cm de altura. Por ocasião das eleições municipais em Vitória, um candidato a Prefeito Sr. Abido Saad, agora falecido me entregou esta imagem para a nossa Igreja no Bairro da Penha, Vitória (1962) com uma procissão de 500 pessoas, ela ficou na igreja Penha. Trazida pelo povo da Praia de Santa Helena. Ela ficou na cidade igreja até 1966, consegui um material, tábuas e telhas e o povo construiu a 1ª capelinha, Alto São Benedito, sendo que anos após esta capelinha apodreceu então Dona Maria José Alves Araújo, com o povo, construiu de madei

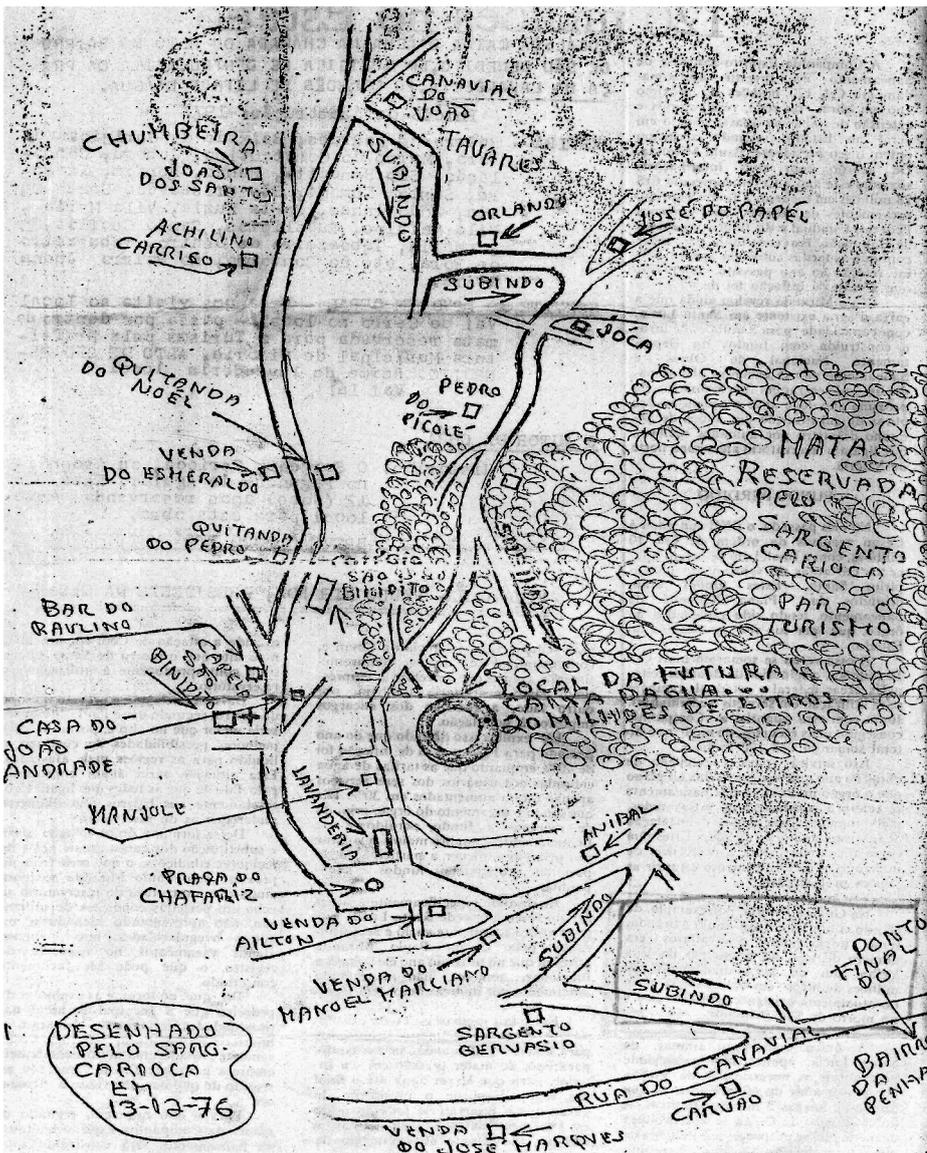
ras outra, parabéns a todos.

Assim, faço entrega desta imagem que, desde 1968, está sob os cuidados de Maria José Alves Araújo, a Diretoria atual da capela São Benedito no alto Bairro São Benedito, em Gurigica. De Dentro agradeço pela honesta guarda desta imagem.

Obrigado a todos os católicos.

Ascendino Fagundes de Aguiar
ASCENDINO FAGUNDES DE AGUIAR =
3º Sgt PM REF = SARGENTO CARIOCA

Documento, direcionado à Dona Maria José Alves Araújo (moradora de São Benedito desde a fundação do bairro), escrito e assinado pelo sargento carioca.



Somente a partir da década de 80, os problemas ambientais e de infraestrutura urbanas começaram a ser enfrentados. Em 1998 foi implantado o **Projeto Terra**, com ações para integrar e concretizar políticas sociais, habitacionais, de preservação ambiental e melhorias urbanas. Em 2007, o projeto passou a ser chamado de **Terra Mais Igual** e incorporou o conceito de **Desenvolvimento Humano**.

Desenho guardados, desde 1976, pelo Sr. Maurílio (morador de SB desde o início da ocupação do bairro) aponta um suposto investimento da CESAN que nunca aconteceu.

Cesan investe em 1977 120 milhões no Estado

LOCAL: DA CAIXA D'ÁGUA, NA CHAPADA DO ALTO DO BAIRRO DE SÃO BENEDITO, EM GURIGICA DE DENTRO. ACIMA DA PRAÇA DA LAVANDERIA. 20 MILHÕES DE LITROS D'ÁGUA.

Início da construção: 1977

A Companhia Espírito-Santense de Saneamento irá investir aproximadamente Cr\$ 120 milhões no próximo ano em obras de rede, reservatórios e extensão de linhas de abastecimento em geral no Estado, segundo anunciou ontem o seu presidente, Paulo Miranda. De acordo com suas informações, somente este ano a Cesan conseguiu Cr\$ 28 milhões em recursos a fundo perdido, provenientes de doações dos governos Federal, Estadual e do Banco Nacional de Habitação. Isso contribuiu para fazer com que as tarifas subissem apenas 30% em relação ao ano passado, enquanto que a taxa de inflação foi de 40%.

Paulo Miranda revelou ainda que a caixa d'água existente em Santa Lúcia, com capacidade para 5 milhões de litros e construída com fundos do Departamento Nacional de Obras e Saneamento não se encontra abandonada, devendo entrar em funcionamento no próximo ano, logo após a conclusão das obras de substituição de tubos de pequeno diâmetro por unidades maiores, que ligam o reservatório até a zona norte de Vitória.

FUNDO PERDIDO

No mês passado, o BNH concedeu à Cesan recursos da ordem de Cr\$ 10 milhões, com a finalidade de serem aplicados em obras de saneamento no Espírito Santo. Estes fundos eram oriundos do Plano Nacional de Saneamento, tendo sido repassados ao órgão, que por sua vez os destinou ao Estado.

A essa verba se somaram mais Cr\$ 18 milhões, originários de doações feitas pelas áreas federal e estadual, também para utilização em serviços semelhantes. Junto com essa quantia, a Companhia conseguiu mais recursos, de modo que no total somaram Cr\$ 120 milhões.

Isso servirá para a execução de obras no ano que vem, incluídas no plano que o órgão mantém e que basicamente se refere à construção de novas redes, melhoramentos nas atuais e instalação de novos reservatórios de água. Estes têm como finalidade prever a ocorrência de interrupções no fornecimento e suprir as regiões prejudicadas.

Na Grande Vitória, por exemplo, de acordo com o que disse Paulo Miranda, serão implantados reservatórios em número de três, no município de Vila Velha, um de aproximadamente 20 milhões de litros em Santa Lúcia perto do atualmente existente, em Gurigica e no morro de São Benedito.

A única construção similar, de Santa Lúcia, apenas tem capacidade para cobrir as necessidades de Vitória por pouco mais de 60 minutos, já que dispõe de apenas 5 milhões de litros. A linha de ação da Cesan se desenvolverá de modo que se proporcione condições de que o fornecimento não seja interrompido pelo menos oito horas após o início da interrupção no abastecimento.

Para Paulo Miranda, a captação de recursos externos a fundo perdido servirá

SERVIRÁ - Bairro de Lourdes, Baixada da Gurigica de Fora, Morro do Constantino, Jaburu, Consolação, São Benedito, Penha, Bonfim, Itararé, Santos Dumont, São Cristovão, Santa Maria, Andorinhas, Santa Luzia, Vila Maria, Vila Maruipe, Eucaliptos, Santa Cecília, Engenharia, Taboazeiro de Dentro, Taboazeiro de Fora, até no Contorno, no Bairro Joana D'Arc.

CONVITE AO POVO EM GERAL - Faça uma visita ao local Vai de Carro no local - passe por dentro da mata reservada para o Turismo pela Prefeitura Municipal de Vitória, ALTO DE SÃO BENEDITO. Acima da lavanderia local Vai lá!

O AUTOR DA OBRA

Histórico: O Sargento Carioca, ou Ascendi, no Fagundes de Aguiar. Está há 12 (doze) anos reservando este local para esta obra.

BREVE O POVO TERÁ MUITA ÁGUA E PAZ!

-VIVA O DR. PAULO MIRANDA, PRESIDENTE DA CESAN-

para reduzir a dependência da Cesan e, conseqüentemente, o seu comprometimento, com o que se refere a empréstimos. Isso acarretaria também, por outro lado, a redução dos encargos impostos à população.

Ele explica isso dizendo que do ano passado para 1976, a taxa de inflação foi de 40%, enquanto que as tarifas de água cobradas aos usuários dos seus serviços apenas foram aumentados em 30%. Diz que sendo o orçamento do órgão oriundo de recursos a fundo perdido e de financiamentos, quanto maior o volume dos primeiros, menor a participação do povo em proporcionar fundos à Companhia.

Analisando especificamente a situação do reservatório de Santa Lúcia, que se encontra totalmente vazio e sem utilização pela Cesan, Paulo Miranda afirmou que no próximo ano ele voltará a funcionar, somente não o estando atualmente por motivos de ordem técnica.

Entre tais motivos está o da existência de canos de diâmetro insuficiente para atender a demanda, necessitando, para isso, de maior pressão em seu interior, para que levem água até o final das redes. Explicou o presidente da Cesan que o reservatório foi construído em 1967 pelo DNOS, funcionando até o ano passado para o abastecimento da zona norte de Vitória.

O que ocorreu, segundo ele, foi de que a população cresceu e as redes não foram aumentadas. Dessa forma, e

estando a estação de Cobi em um nível mais alto que o morro de Santa Lúcia, seria contraproducente a utilização do reservatório.

Dai resultaria que a pressão no sopé do morro, segundo disse Paulo Miranda, seria maior que no alto e, portanto, com melhores possibilidades de conduzir o líquido para as regiões mais afastadas. Esta situação seria ainda engrossada pelo fato de que as redes que ligam Cobi diretamente aos bairros têm diâmetro maior que as do reservatório.

Dessa forma, a única solução seria a substituição dos canos atuais pelos de melhores condições, o que será feito no próximo ano. Paulo Miranda sustenta ainda que a estrutura do reservatório se acha em perfeitas condições de utilização, não apresentando rachaduras ou outras irregularidades, mas apenas alguns vazamentos no cabeçote de registro, o que pode ser facilmente consertado.

Diz que, no tocante às explosões da pedreira que a Incospal mantém nas proximidades, estas não chegaram a interferir na estrutura, tendo a Cesan somente enviado uma notificação àquela empresa para que tivesse cuidado no sentido de que isso não viesse a acontecer.

Para o ano que vem, segundo os planos da Companhia Espírito-Santense de Saneamento, será construída uma guarita de guarda no local do reservatório, com telefone e demais instalações.

Recorte de Jornal guardados, desde 1976, pelo Sr. Maurílio (morador de SB desde o início da ocupação do bairro) aponta um suposto investimento da CESAN que nunca aconteceu.

A origem do nome “Território do Bem”

O nome **Bem** vem do **Banco Bem**, banco comunitário, com sede em **São Benedito**, que motivou a integração entre as comunidades deste território. O **Território** possui uma instância organizativa própria, o **Fórum Bem Maior**, que discute e articula as ações de desenvolvimento local.





Memória Viva do Bairro Consolação Vitória/ES

Narradores

Edson Rangel

José Barbosa (Roliço)

Matusalém Barbosa

Palmerino

Pesquisadores

Edson Rangel

Karolayne Anastacio Kaiser

Denise Barbieri Biscotto

Marina Filetti

Valmir Rodrigues Dantas

Diagramador

Soter França

Coordenadores

Denise Barbieri Biscotto

Valmir Rodrigues Dantas

No início Consolação era assim...

A formação do **Bairro Consolação** começou, timidamente, no começo do século passado, por volta de 1910. Antes chamado de **Gurigica**, devido à existência de uma árvore que é encontrada até os dias de hoje, parte era área baixa de antigos mangues e parte dos morros **Grande** e da **Penha**. A **Rua Gilson Mendonça** dividia **Gurigica** em duas: a **Gurigica de Dentro** e a **Gurigica de Fora**, sendo que este último ligava o bairro à avenida **Marechal Campos**, nas proximidades de **Maruípe**, enquanto **Gurigica de Dentro** fazia divisa com **Santa Lúcia**.

Antes ainda de ser chamada de **Gurigica** ou **Gurigica de Dentro**, a região era conhecida como

“**Baixa da Égua**” porque ali tinha um criadouro de éguas e predominava uma grande circulação desses animais.

No início as condições de habitação eram precárias, a luz era de lamparina e não havia abastecimento de água encanada. As opções eram a torneira comunitária, os poços e um chafariz.

Oficialmente **Consolação** surge em 1964, depois que uma lei municipal uniu a área chamada de **Gurigica** de fora a um antigo loteamento.

No final dos anos 70 uma lei municipal unificou as duas **Gurigica** com o nome de

Consolação, em homenagem a **Nossa Senhora da Consolação**. Os moradores de **Gurigica de Fora** aderiram ao novo nome, enquanto os de **Gurigica de Dentro**, simplificaram para **Gurigica** passando então a predominar os dois nomes. Em 2003 a Lei 6077, regulamenta o nome dos bairros e temos distintamente o bairro **Gurigica** e o **bairro Consolação**. Com sua riqueza histórica e sua diversidade populacional, **Consolação** foi um celeiro cultural de onde saíram pessoas que se destacaram socialmente, grandes artistas e onde nasceu e abriga atualmente a **Escola Pega no Samba**.

Rua Waldir Meirelles (Vendo-se ao fundo Pedra dos Dois Olhos).
Imagem cedida pelo Arquivo Público Municipal – data indefinida.



Blog de Olho na Ilha: Por: Willis de Faria

“O Bairro Consolação foi instalado em uma parte da antiga “Fazenda Maruípe” que pertenceu ao Ex-Presidente do Governo do ES, Francisco Acyoli Filho e posteriormente foi vendida para o Inglês, Sr. Brian Barry, gerente de uma das mais importantes empresas de exportação de café do Estado, instalada em Vitória em 1892. Por volta de 1910, a propriedade foi transferida ao cônsul da Alemanha, Sr. Nicolau Von Schilgen que a vendeu ao Governo do Estado nos anos 20. A Fazenda Maruípe compreendia 4.620 mil m2, a maior propriedade territorial rural existente na ilha de Vitória. ...

Nossa Senhora da Consolação”, em Gurigica, que anteriormente fazia parte do Novo Arrabalde, do Projeto de Saturnino de Brito, encomendado pelo governo de Estado em 1896, e este local era designado como Vila Hortícola. “



Foto, de 2011, é do acervo do Ateliê de Ideias

Depoimento de Seu José Barbosa - Seu Roliço

“...ao lado a gente tinha a horta do seu Joaquim dos bodes, tinha dois bodes que faziam entrega na Praia do Canto, Santa Lúca e na Praia do Suá. Os bodes iam e vinham sozinhos, entregavam nos fregueses e voltavam. Só faltavam dar o troco do dinheiro. Tanto é que essa horta era um terreno danado e hoje ainda existem dois terrenos no estilo do Seu Joaquim, o de seu Beijo. Do lado da oficina do Ganso, e o outro lado, do bar do Careca, que também é da rua Pedro Borges e a América de Oliveira.

“Seu Joaquim dos bodes, junto com seu Paulinho Radaeli, o Paulinho da burrinha, eram pessoas folclóricas do bairro e faziam a alegria da criançada, isso no final de 1950 e início dos anos 60”.



A Rua Gilson Mendonça marcava a divisão entre Gurigica de Fora e Gurigica de Dentro – 2016

Parte da história de Consolação

Contada pelo Sr José Barbosa (o Roliço), nascido em Consolação no ano de 1949:

“Meu bisavô chegou em **Consolação** por volta de 1910, vindo da Serra. Ali era dos ingleses que abandonaram tudo e foram embora e aí meu bisavô chegou se instalando e se tornando o dono da mata, onde hoje é a comunidade lá de cima, do **Alto Consolação**. Em baixo, em 1930 mais ou menos, foi a mesma coisa, quem desmatou tudo foi o Seu Barroso, sogro do Coronel Hélio, que na época passou a criar umas éguas em baixo onde depois foi construído o **Hospital Nossa Senhora da Penha...**”.

“...Meu pai, depois de juntar dinheiro por 4 anos, em 1928, saiu andando pela **Leitão da Silva** procurando um lugar para se instalar e fincou raiz onde hoje é o começo da **Rua Américo de Oliveira** com a **Avenida Marechal Campos**. Ele cavou uma vala, até lá onde é o **EPA** hoje, para escorrer a água para que pudesse fazer uma plantação. Meu bisavô desceu do morro e disse: ‘rapaz, se isso aí desse alguma coisa eu já teria me apropriado daí há muito tempo’... Papai era dono de tudo ali naquele lugar que até 1963 era lama pura: algumas partes ele vendeu, outras ele deu, como aquele terreno da esquina do **Supermercado Fieni** e alguns terrenos nós conseguimos recuperar porque estavam com as casas desmanchadas e aí perderam o usucapião...”.

“A região aqui não valia nada. Se tinha vergonha de falar que era da **Gurigica de Fora**, tanto que as cartas chegavam com endereço como se fosse **Bairro de Lurdes**. Foi esse um dos motivos que Padre Antônio e Marinho Del Maestro fizeram mudar o nome do bairro para **Consolação**”.

“...O **Sargento Carioca** atuou mais em **Bairro da Penha, São Benedito**. Lá em **Consolação** quem comandava tudo era Joel Silva Santos. Todas as escadarias começaram com ele, a água encanada chegou com ele, que foi apoiado primeiro por Carlito Von Schilgen e depois por Hermes Laranja, no começo dos anos 60”.

Sr. José Barbosa (Roliço)



Muro na rua Marechal Campos – Imagem cedida pelo Arquivo Público Municipal – data indefinida

Escola Professor João Bandeira

Esta escola foi criada em 1935 por força e mobilização da comunidade local.

Funcionava em uma casa alugada, onde havia uma roça de milho. A primeira diretora, D. Joshefa, percorreu as comunidades vizinhas mobilizando os pais de crianças que não estudavam e formou uma turma de 40 alunos. Naquele tempo a turma era multisseriada, cada aluno levava seu banco e a escola chamava **Escola Isolada**. Depois de algum tempo, essas **Escolas Isoladas** foram agrupadas pelo Estado e passaram a chamar Escolas Reunidas. A Escola reunida foi então para um imóvel maior, mesmo local onde mais tarde seria construído o **Grupo Escolar** que, em 23 de maio de 1953, recebeu o nome de **João Bandeira**, um professor negro nascido em 1853, em **Maruípe, Vitória**. Ele exerceu o magistério por 34 anos, foi inspetor escolar e atuou em quase todos os municípios do Estado, e era muito reconhecido junto aos professores por suas ideias em defesa da educação. Faleceu em 1934. Atualmente a Escola pertence à rede **Municipal de Vitória** com ensino do 1º ao 9º Ano.

Depoimento da Prof. Zilda, filha da primeira diretora da Escola João Bandeira, Dona Josepha.

[...] a escola foi iniciada por minha mãe. A escola começou em uma casa aqui perto no Bairro de Gurigica, uma casa que tinha uma roça de milho. Pra começar a escola, minha mãe foi percorrendo os bairros da região buscando crianças que estavam fora da escola. Minha mãe percorreu as redondezas chamando crianças que não estudavam e conseguiu quarenta alunos que foram relacionados e convidados, de casa em casa, por ela. Naquele tempo, a turma era multisseriada, cada aluno levava seu banco e a escola chamava Escola Isolada só, não tinha nome. Para poder funcionar, minha mãe foi matriculando alunos dos bairros em volta: Santa Lúcia, Eucalipto, Ilha de Santa Maria e Morro do Rio Branco. Na época, o secretário de Educação era João Bastos e, quando uma professora se formava, ela tinha que ir para o interior dar aula.

O funcionamento da escola só foi possível porque minha mãe e os alunos matriculados recorreram a doações e conseguiram os bancos e mesas e um imóvel, que depois foi alugado pelo Estado. Depois de algum tempo, essas Escolas Isoladas foram agrupadas e passaram a chamar Escolas Reunidas, porque já tinham classes com as séries separadas, devido ao número de alunos. Ai, como Escola Reunida, a escola mudou para uma casa maior, ao lado do local onde mais tarde foi construída a sede da Escola, já com o nome de 'Grupo Escolar Professor João Bandeira'. Foi assim, primeiro Escola Isolada, depois Escolas Reunidas e depois Grupo Escolar. Ai que foi dado o nome de Professor João Bandeira, em 1950, eu acho.

Fonte: Tese As práticas teóricas de Professoras e Professores das Escolas públicas ou sobre imagens em pesquisas sobre o Cotidiano Escolar, Prof. Carlos Eduardo Ferreira, Ufes



20.08.1952 – a escola João Bandeira em construção
Imagens do Arquivo Público Estadual do Espírito Santo.



Turma de Alfabetização de Adultos de Gurigica – Fotos de 27.04.1959 - Imagens do Arquivo Público Estadual do Espírito Santo.



Fig. 2 – Retrato do professor João Pinto Bandeira

Fig.1 – Carimbo: data de fundação da “Escola Professor Mário Pinto Cantareira”



Fig. 4 – Convite para inauguração do Grupo Escolar “Professor João Bandeira” (frente)

Professor João Bandeira

Dr. Carlos P. Feixeira
CIRURGIA — UROLOGIA
RESIDÊNCIA — Rua do Rio de Janeiro, 47 — 1º andar
Fones: C. 777
CONSULTÓRIO — Av. Faria Lima, 30 — F. 2000

Fig. 3 – Recorte de jornal noticiando a morte do professor João Pinto Bandeira

Professor João Pinto Bandeira

O professor João Pinto Bandeira nasceu no bairro de Marulpe, desta Capital, a 8 de março de 1853. Teve os seus primeiros estudos, sob a orientação particular do professor Capitão Barbosa, em casa dos seus próprios pais.

Estudou, em seguida, com o professor Lellis, daí em diante, fez-se por si mesmo, mercê do seu pertinaz amor aos livros e irretrável sede de saber.

Foi oficial de justiça, neste Capital, e, mais tarde, funcionário dos Correios.

Candidatando-se ao magistério primário, prestou concurso e, sendo aprovado, foi nomeado para a escola de Riama, município de Icoarica, iniciando, assim, o seu grandioso trabalho de ser útil ao seu Estado natal, no setor que sempre lhe parecerá o mais produtivo e enobrecedor: o magistério. Posteriormente, foi removido para Anagé, município de Viana, atualmente Jabuá, e, algum tempo depois, para a sede do município, onde fundou o jornal «O Trabalho», juntamente com o seu grande amigo, hoje Desembargador Dr. José Vicente de Sá.

Tomou parte no Congresso Pedagógico de 1906, por ocasião da reforma do ensino em nosso Estado, no qual defendeu a tese “Duas palavras sobre a Educação”.

Exerceu, ainda, o magistério em S. Mateus, durante onze anos, e depois, neste Capital onde lecionou nos Grupos Escolares “Gomes Cardim” e na então Escola Modelo “Jerônimo Monteiro”, sendo que, nesta última, ao lado dos professores José Nunes, Antonio Veio, Ernani Souza e outros, verdadeiros ídolos de gerações que hoje ainda contam episódios pitorescos da época, não sem sentirem humedecidos os olhos de saudade daqueles tempos. Por alguns anos exerceu o cargo de diretor do Grupo Escolar «Colatina Mascarenhas», de Praia do Sul.

Foi, também, Inspetor Escolar, percorrendo quase todos os municípios do Estado, em visitas regulares às escolas.

Dentre seus alunos, contam-se personalidades como Túlio Mostilo Montenegro, Aído Franklin dos Santos, Roberto Silveiras, Raul, Adhemar e Oto de Oliveira Neves, além de muitos outros.

Aposentou-se após 34 anos de bons e relevantes serviços prestados ao ensino no Estado.

Era filho de José Pinto Bandeira e Luiza Pinto Bandeira. Casou-se, em primeiras núpcias com Emília Azeredo Bandeira, sendo filha do casal as professoras Thaisir, Ruth e Aicy, os senhores João e Ruy e a senhora Conceição. Contratou segundo matrimônio, após dez anos de viuvez, com a senhora Guilhermina Bandeira, não deixando filhos desse consórcio.

Faleceu a 13 de Fevereiro de 1947, nesta Capital.

O professor João Pinto Bandeira, que é o patrono deste Educandário, foi, em vida, um dos grandes orçestres da mocidade espiritosantense, amalgamando caracteres — encaminhando os seus alunos pela estrada do bem e do cultivo das boas causas, isto durante os longos e penosos anos em que trabalhou neste sacrossanto sacerdotio que é o magistério primário.

Grupo Escolar “Prof. João Bandeira”

PROGRAMA

- I — Corte da fita simbólica na entrada do prédio, pelo Excmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Jones dos Santos Neves.
- II — Hino Nacional e hasteamento das Bandeiras Nacional e do Espírito Santo.
- III — Discurso da diretora do estabelecimento e aposição dos retratos do Patrono e do Excmo. Sr. Governador no «hall».
- IV — Visita das autoridades às dependências do educandário.
- V — Homenagem ao Dr. José Celso Claudio.
- VI — Lanche no refeitório.

Lembrança da inauguração do prédio do Grupo Escolar “Professor João Bandeira” pelo Excmo. Sr. Dr. Jones dos Santos Neves.

Vitória, 23 de maio de 1933

MINHA TERRA

JOÃO BANDEIRA
Prof. do Grupo Escolar “Jerônimo Monteiro”, desta Capital.

Éra uma terra linda, sem rival talvez no mundo inteiro. Num transporte de prazer innocente, jovial e galharda, percorria-a sul a norte, através a floresta colossal, de heróes Tupinimós a tribu forte. Enchia o espaço o canto festivo de aves sem conta, aves de todo o porte.

E esta terra, sem outra igual no mundo, em que aportou Coutinho emocionado, ao ver a natureza tão gentil,

é a terra capichaba que, segundo Alfonso Braz proclama admirado, é a melhor e mais fértil do Brasil.

Vitória, 23 de maio de 1933.

Seu José Barbosa (Roliço): “A escola João Bandeira fez várias pessoas ilustres, é muita honra: da Gurigica saíram Dr Jansen e Dr Jairo Ribeiro (dois irmãos médicos). Saiu Ivanildo Pé de Porco — engenheiro dos bons do DER. Saiu Carlinhos Vaccari, alta sociedade. E a escola do bairro ajudou a formar também um cientista, o Carlos Alberto Martinelli de Souza, meu filho, que era PHD, fez doutorado na **Universidade de Santa Maria, RS**, e hoje é nome da escola do bairro”.

Fig. 5 – Convite para inauguração do Grupo Escolar “Professor João Bandeira” (verso)

Igreja Católica Nossa Senhora da Consolação

O lançamento da pedra fundamental para construção da **Igreja Nossa Senhora da Consolação** foi em 18 de junho 1954, com missa celebrada pelo bispo Dom José Joaquim Gonçalves e acompanhada com fervor pelos devotos da santa. A inauguração aconteceu em 19 de maio de 1955, com missa celebrada pelo mesmo bispo. Pertencia à **Paróquia de Santa Rita**. O bairro ainda era dividido em dois, **Gurigica de Dentro e Gurigida de Fora**, e apenas os moradores desses bairros frequentavam a pequena capela. Atualmente o espaço da igreja aumentou e pessoas de comunidades vizinhas participam de suas celebrações e das atividades realizadas em suas dependências.

A Excelsa MÃE DA CONSOLAÇÃO



Hino

Virgem mãe consoladora
Virgem mãe do Salvador
Salva a alma pecadora
Que te implora com fervor

És tu Virgem bem amada
Fonte eterna de esplendor
Mãe de Deus abençoada
Luz e amparo em minha dor



Homenagem ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano
D. José Joaquim Gonçalves

Salve

1954

2004

Fé

e

Progresso

Vitória - ES, 1954

Solenidade da bênção da primeira
pedra da Capela Nossa Senhora da
Consolação, em Gurigica, Domingo
18 de julho de 1954

Esta valente motocicleta transportou a primeira pedra fundamental da igreja da Consolação em Gurigica. Depois, por muitos anos serviu ao Pe. Antônio em suas visitas pastorais de Vitória, Guarapari até o Amazonas. A igreja da foto, foi desenhada por ele, bem como o altar que ele próprio construiu; coroa de gesso, douração e pintura do quadro, cortesia do meu saber.



Temos o prazer de convidar as Associações paroquiais e o povo devoto de Nossa Senhora, para participar do ato mais culminante a registrar-se em nosso bairro, o lançamento da primeira pedra da capela.



CONGRESSO EUCHARÍSTICO DIOCESANO
Vitória-ES Ano 1955 2005 50 anos



Dom José Joaquim Gonçalves, no ano de 1955 celebrou na Esplanada Capixaba o solene Congresso Eucarístico Diocesano, com a participação do Clero e da Sociedade Católica, Governo, Prefeitura e associações civis e militares de Vitória, que se aglomeraram devotos aos pés do altar do Cristo Eucarístico. Estavam presentes as comunidades do interior do Estado do Espírito Santo que naquele tempo formavam a grande Diocese, com Cachoeiro de Itapemirim, Colatina e S. Mateus. Dom José, devotíssimo, como grande orador que era, empolgou a população e louvou o Cristo Jesus, Pão e vida de todos os homens.

A continuação, se organizou uma majestosa procissão logo após a missa solene. Percorreu as principais ruas e avenidas de Vitória. - Viva Jesus Sacramentado!

Devo dizer nestas linhas, da grande alegria e disposição que em nós depositou o bondoso Bispo D. José Joaquim, ao confiar-nos e acreditar que o Pe. Antônio pudesse organizar aquele Congresso na parte externa, claro. Assumimos a responsabilidade: fiz a planta do altar monumento e organizamos com o Pe. Manuel Del Campo a linda Procissão que as Associações paroquiais enfeitaram.

A Dom José Joaquim Gonçalves de feliz memória, obrigado e réquiem aeternam!

Sr. Palmerino: *“onde está a igreja da Consolação eu morava ali, o terreno ali era nosso, era de Fortunato e Maria dos anjos, depois Padre Antonio pediu para fazer uma troca, ai cedeu o terreno para Fortunato e Maria, que era dona, e construíram a igreja da Consolação. Lá embaixo do lado direito quem morava era João Bombeiro, pelo fundo da igreja morava Tia Bela, no outro terreno morava Nicácio...”*

José Barbosa (Roliço):

A Construção da igreja foi apoiada por João Lampião, Seu João e Padre Antônio (o padre que andava de mobilete e revólver na cintura). Começou em 1954 em terreno permutado com Palmerino. Tinha muito barro onde está a igreja hoje. Padre Antonio, com a ajuda dos padres operários, começou a escavar aquilo ali e fizeram uma casinha e colocaram a Nossa senhora. A comunidade fez mutirão para ajudar, eu mesmo carreguei muitos baldezinhos de terra pegava jogava lá em baixo para ajudar a aterrar. Quem ajudou muito ali foi o Seu joao Bolotti, que morava no horto, seu João Lampião, Seu João Bombeiro, Seu Joaquim e papai, Seu Barbosa. O caminhão do Seu Beijo foi muito importante também, no transporte da terra...O altar é uma coisa linda: tem a Santa e tem um casal ajoelhado com uma criança. Paulo Pilha (pintor dos melhores), pintou ali Augusto Zampier e sua esposa (um casal muito fiel à Igreja)”



Poços Artesianos e Torneiras Comunitárias

Mangue e morro. Assim era Consolação no início da ocupação. Uma fonte de água para os moradores da comunidade de **Consolação** eram os poços artesianos, um era de propriedade de Seu Manuel Lima, que não cobrava nada de ninguém. O transporte das latas d'água para as partes altas do morro era extremamente precário, prevalecendo uma situação de miséria absoluta, que permaneceu ao longo dos anos 60.

As torneiras públicas, ou chafarizes, vieram para minorar a situação crítica que viviam os habitantes dos morros. As pessoas já não precisavam buscar água lá em baixo, onde passavam as redes de água, na **Rua Doutor Américo de Oliveira**. Passaram a ter locais no alto do morro, mais próximo de suas casas, onde o **DAE (Departamento de Água e Esgoto)** construiu, estruturas com torneiras.

Também sem água encanada em suas casas, as comunidades vizinhas vinham se abastecer na mesma torneira diariamente e as filas eram constantes, dia e noite. Com o tempo a torneira comunitária foi tirada da **Rua Waldir Meirelles**, sua localização inicial, e colocada na **Rua Doutor Américo de Oliveira**. Hoje em dia essa torneira não existe mais.

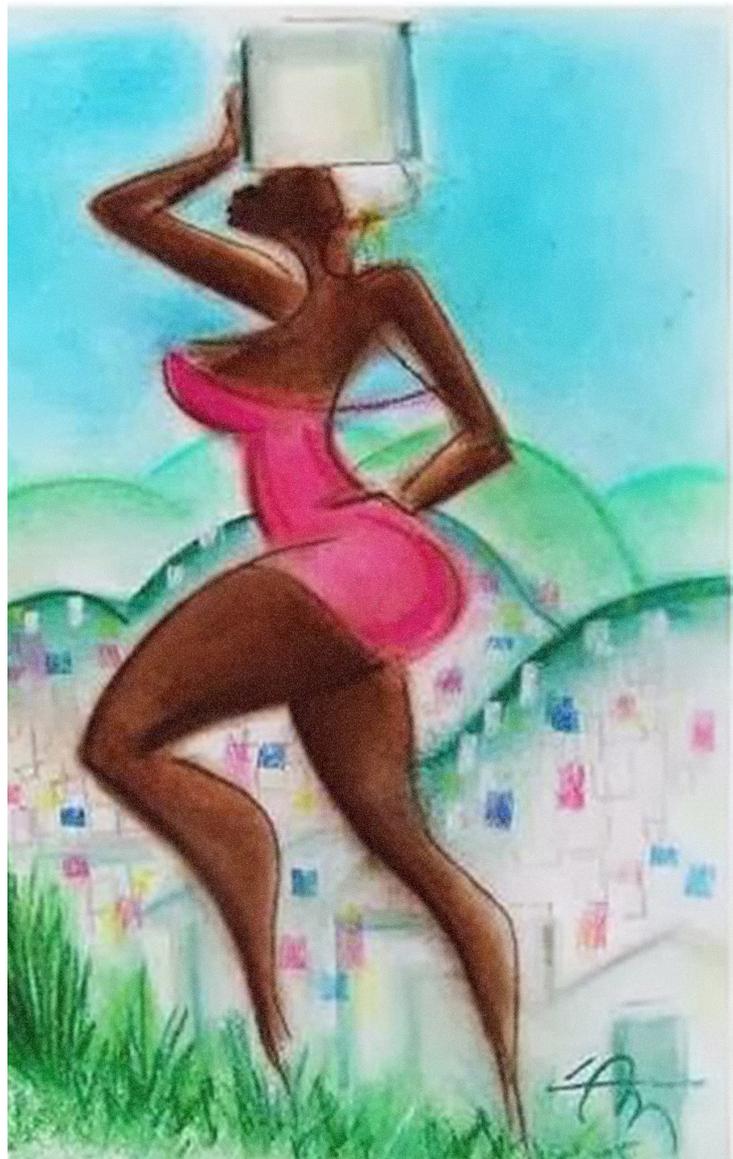


Ilustração "Lata D'água do LAM

Sr. Palmerino: *"os poços que tinham aqui era quase tudo nas casas de baixo, porque não existia água encanada na antiga Gurigica, então todo mundo dava água de coração, ninguém exigia nada, não existia bagunça, e era isso aí que funcionava. Inclusive depois que chegou água encanada, tinha uma torneira no meu quintal, eu dava água o pessoal, todo dia e noite. Eles carregavam além da água, o chuchu da minha parreira (risos)... todo mundo levava chuchu à vontade."*

Seu José Barbosa (Roliço): *"A água encanada começou a chegar para nós em 1961, com Sólon Borges que deu toda a prioridade para a nossa região porque a noiva dele morava aqui (a irmã de Zé Gottardo). Morava do lado da escola. Antes disso, a gente contava com os donos dos poços de água. Meu pai, José Barbosa, tinha poço e Seu Ulisses Meirelles, que era o dono da venda, também. Seu Ulisses cobrava um cruzeiro mensal pela água e papai dava água de graça... era fila dia e noite. Tinha também a opção do poço da casa de Seu Carioca, na rua da Pedra (hoje Waldir Meirelles) e o Poço da Casa de Seu Francisco..."*

Bairro Lavanderia Estadual

A lavanderia existiu na **Rua Doutor Américo de Oliveira** (ficava em frente a Escola João Bandeira).

Se ter água para beber ou cozinhar já era difícil, imagine então para lavar roupa. A solução foi a construção de lavanderias públicas. A comunidade de **Consolação** conquistou a sua, entre o final da década de 50 e início da década de 60, com 12 tanques grandes, para onde os moradores, principalmente do morro, desciam com suas trouxas de roupas. Quando terminavam de lavar a roupa, as pessoas, principalmente as mulheres, carregavam água para casa. A água encanada ainda iria demorar a chegar, o que só aconteceu nos anos 70. O terreno que abrigava a lavanderia estadual foi, recentemente, doado para a **Escola de Samba Pega no Samba**.



Edson Rangel: *“a lavanderia, que atendia também o pessoal do alto do morro, tinha doze tanques. As pessoas como não tinham nada de água em casa, desciam com suas trouxas de roupas e com suas crianças para lavar suas roupas. Além de lavar a roupa levavam água para casa pra uso deles porque aqui perto tinha uma torneira publica também. Teve uma época que faltava água na lavanderia e aí o jeito era pegar água nos poços. Existiam alguns poços aqui nessa área...Na década de 60, essa lavanderia foi desativada porque algumas famílias já tinham água encanada e “emprestavam” água para os outros vizinhos.”*

José Barbosa (Roliço): *“A Lavanderia Comunitária foi construída mais ou menos em 1957, no terreno de Seu Manoel da Malária (pai de Zé Lúcio) no governo de Jones Santos Neves... A lavanderia já foi o lugar onde as crianças da comunidade recebiam os cuidados odontológicos de um dentista voluntário. Lá onde funcionou a lavanderia, depois passou a funcionar a Obra Social Pio XII (obra social da Igreja comandada pelo Padre Antonio). Agora em 2016, esse terreno foi passado para a Escola Pega no Samba”.*

Rua Waldir Meirelles (a Rua da Pedra)

Consolação estava crescendo e o acesso ao bairro ainda era muito difícil. Uma pedra obstruía a principal rua do bairro, a **Rua Waldir Meirelles**. A pedido dos moradores a pedra foi cortada, no final do ano de 1973, para que os automóveis pudessem entrar e sair da comunidade. Num canto da pedra havia um bar de madeira, do Seu Neto, que foi reconstruído em alvenaria e onde a família ainda reside.

“No meio do caminho tinha uma pedra”



Edson Rangel: *“A pedra teve que ser cortada para passar a rua. A estrada era muito curta. Depois veio a obra e tirou mais o brilho da pedra, atrapalhou a visão dela. Essa pedra na década de 60 era um ponto turístico de consolação, tinha um visual muito bonito e ficava toda exposta para toda a comunidade ver. A criançada vinha brincar, subir para soltar pipa, bater papo, arrancar cactos (tinha muito cacto ali), era uma área que a gente tinha de lazer para a criançada daqui, não existia outra área”.*

Sr. Palmerino: *“Tem uma pedra aqui na Rua Waldir Meireles, ela foi cortada em 73/74. Eu era motorista e trabalhava na Plano Engenharia, a empresa que construiu essa pista aqui com paviers que depois foi completada com asfalto. Foi a Plano Engenharia, junto com uma outra empresa, que cortaram a pedra para liberar a pista para a passagem dos carros. No pedaço da pedra tinha um boteco de madeira, que era do Neto. Depois ele construiu em alvenaria: em cima era dormitório dele e embaixo era área de trabalho, depois que ele faleceu a família veio e tomou conta”.*

José Barbosa (Roliço): *“O carro na A Rua Waldir Meirelles só ia até a casa de Seu Carlinhos, a segunda casa dali, por sinal. Em 1970, Zé Ubaldo Pimentel (o Zé Cueca) ganhou a política e logo depois abriu a rua. Em 1982, o prefeito Hermes Laranja deu continuidade à obra, pegando lá do Itarana, que era pedra pura e não passava carro, até chegar nessa rua linda, que antigamente, infelizmente, já foi conhecida como a Rua do Pó. Mas hoje só é conhecida como Rua da Pedra”.*



Amigos da Gurigigica

Amigos da Gurigigica nasceu como um bloco carnavalesco ou batucada para representar a comunidade, num encontro de amigos sambistas do bairro, no dia 10 de janeiro de 1964. A idéia foi do falecido sambista Arildo Mongol.

Rapidamente os amigos correram para pedir autorização e ajuda ao militar Hélio Nascimento dos Reis, conhecido como major Hélio, um homem de posses, morador da Gurigigica. Respeitado por toda a vizinhança e consultado sobre tudo o que seria viável para a região, foi dele o apoio para a ideia dos sambistas. O major também teve a responsabilidade de administrar o início do primeiro batuque do bairro.

fonte: Gazetonline – 25/06/2012

Um dos pontos fortes dos Amigos da Gurigigica nos desfiles foi o Gurigicão, um surdo gigante criado em 1968 e tocado com exclusividade por um ritmista conhecido como Nálío, que aparece comandando o ritmo na imagem acima.

O surdo tinha cerca de dois metros, e era formado por três surdos originais unidos com solda. O couro de boi legítimo esticado nos dois lados do instrumento e o grande espaço dentro do “surdão” geravam um som tão forte que eram necessários outros três surdos para corresponderem àquela batida.

Fonte: Gazetonline – 25/06/2012

Quando a escola foi extinta, no início dos anos 80, os foliões do bairro passaram a integrar as alas a Escola Pega no Samba.



Gurigicão, o surdo gigante que era o diferencial da bateria da Gurigigica. FOTO: Divulgação

Bateria da Gurigigica desfilando com cartola e colete na avenida. FOTO: Nestor Müller



Gurigigica leva para a avenida a feira do próprio bairro. FOTO: Nestor Müller

Bateria da Gurigigica no recuo de bateria durante o desfile de 1979. FOTO: Divulgação



Casal de porta-bandeira e mestre-sala desfilando pela Gurigigica. FOTO: Divulgação

Enquanto as baianas rodam, a passista se concentra no samba. FOTO: Divulgação



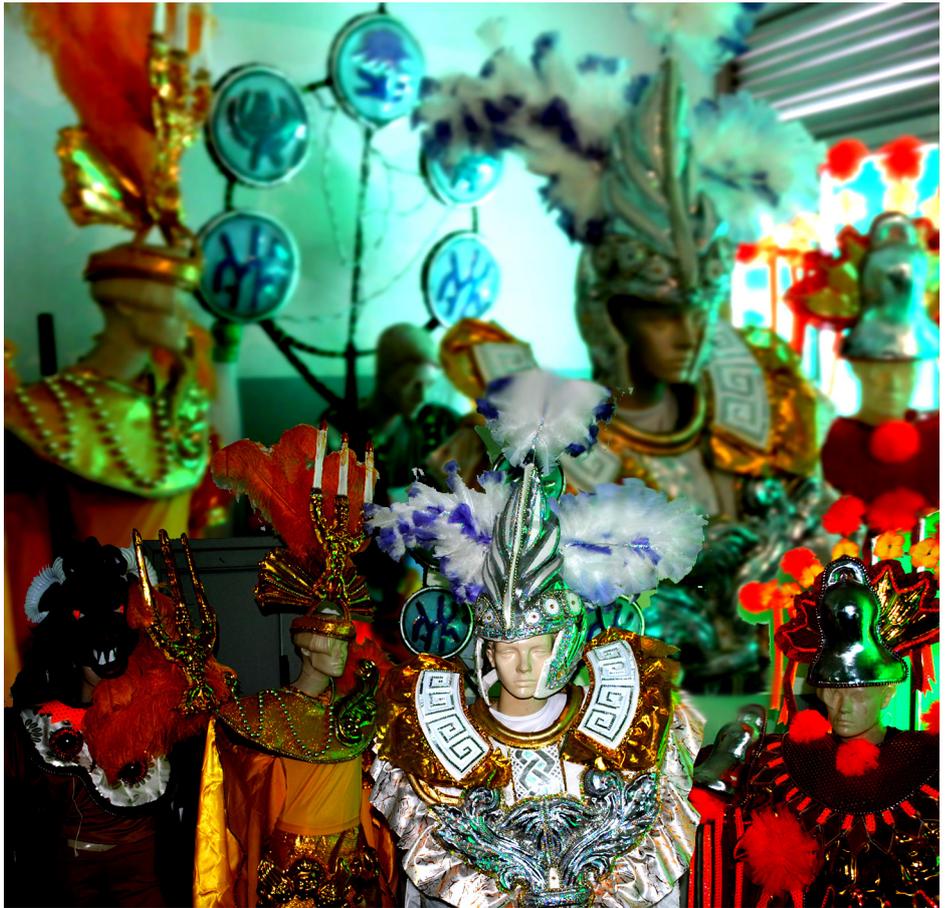
Michele, destaque de luxo da escola de samba Amigos da Gurigigica. FOTO: Divulgação

Terezinha, integrante no ensaio da escola de samba Amigos da Gurigigica. FOTO: Divulgação

Escola de Samba Pega no Samba

A escola de samba **Pega no Samba** foi fundada no dia 28 de janeiro de 1976 por Genésio Mendes, Maria Mendes e seu filho Mário Mendes, como um bloco carnavalesco, o **Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Pega Tudo**. Em 12 de fevereiro de 1982, surge oficialmente a escola Pega no Samba integrando o segundo grupo. Nesse mesmo ano, conquistou o título de campeã com o enredo **“Sonho Infantil”**.

Em 2005, conseguiu o quarto lugar. E em 2007 a escola disputou no segundo grupo e com a reedição do samba enredo **“Tipos populares de Vitória”**, a agremiação foi a primeira colocada, retornando ao grupo principal.



Sr. Zalem: *“...o Pega no Samba de ontem era um Pega Guerreiro... a gente queria mesmo era ver a escola na avenida... a gente tirava o prato de comida da boca pra vender prá comprar a fantasia... fazendo rifa, trabalhando muito para fortalecer a escola e não deixar ela morrer, conseguimos tirar a escola do relento e colocamos ela no primeiro grupo. Meu sonho com a escola é que ela seja grande, um grande para todo mundo, que não esnobe as pessoas, que faz questão daqueles que trabalhavam na escola, dos que fundaram a escola. A juventude é importante, tem que haver juventude. Não pode banir as velhinhas, mas também não pode banir a juventude, porque os velhinhos vão e a juventude fica. Só tem que conscientizar os jovens para ter respeito com a velha guarda de uma escola”.*



Pontos de apoio dos Correios

“Os correios entregavam as correspondências de todos os moradores em alguns comércios: Na venda do Seu Ulisses, na venda de Seu Hortêncio e na venda do Seu Zé Barroso.

Nós tínhamos dois carteiros, o Seu Milton e o Seu Bob que eram moradores da comunidade e sabiam do nome os endereços das pessoas. Ai eles também ajudavam a fazer com que as encomendas e correspondências chegassem até as pessoas.” - (Por José Barbosa/Roliço)

Casa do Coronel Hélio (onde funciona o CEU)



Restos da demolição da casa do Coronel Hélio

Na década de 70, o Coronel Hélio (Hélio Nascimento dos Reis) construiu uma quadra onde hoje está instalado o **Centro Educacional Unificado – CEU**. Na quadra do Coronel Hélio eram realizadas as festas da comunidade nos finais de semana e os ensaios da escola de samba **Amigos da Gurigica**.

Coronel Hélio foi uma das lideranças que atuou na ocupação de **Consolação**. Respeitado e temido ao mesmo tempo pelos moradores, ele atuava principalmente na solução de conflitos e na busca de solução para a ausência de serviços públicos, como o abastecimento de água. Foi dele a iniciativa de construir um chafariz na **Comunidade de Consolação**.

Candidato à vereador nas eleições municipais de 1996, Coronel Hélio morreu vítima de homicídio.



O Centro de Educação Unificada - CEU foi construído no terreno que era do Coronel Hélio.

Ivete: “...as pessoas das comunidades vizinhas buscavam água na casa do Coronel Hélio. As pessoas ficavam na fila da água, esperando chegar a sua vez. Pessoas dos morros desciam e subiam com baldes e latas cheios de água carregando como podiam”.

Seu José Barbosa (Roliço): “Coronel Hélio, fundador da Amigos da Gurigica, era fã da escola de samba carioca Portela. Quando o Coronel Hélio pensou criar uma escola de samba em Vitória, ele se inspirou na Portela, que era a escola do coração dele no Rio de Janeiro.”

Sede de baile, com serviço de alto falante, do Seu Jamil (outras memórias do Seu José Barbosa – Roliço)

Seu José Barbosa – Roliço : “Tinha também o serviço de alto falante do baile do Seu Jamil Simões (que funcionou de 1958 a 1963), ali na **Rua Silvio Soares** (entre a **Consolação** e o **Bonfim**, na curva onde tem ali aquele prediozinho). Pelo alto falante o Seu Jamil comunicava: ‘ei, tem aqui uma encomenda ou um telegrama para fulano de tal’ . Ou então quando pegava fogo num barraco, ele anunciava, e se fazia vaquinha, era tudo solidário naquela época. Só tocava Carlos Alberto, o maior cantor de bolero, tanto é que botei o nome do meu filho de Carlos Alberto, em homenagem ao cantor. Seu Jamil Simões era o homem que andava com seis pessoas na lambreta dele: ele, a mulher e os 4 filhos. Ele fumava 10 pacotes de cigarro por dia e só gastava um palito de fósforo, acendia um no outro.”



PONTO DE ÔNIBUS EM CONSOLAÇÃO

“A lotação começou a circular em Consolação em 1946. A Viação capixaba, de propriedade do Seu Juvenal Caetano, fazia a Linha de ônibus: Vila Rubim, via Horto, Eucalipto.

Os ônibus, da marca Alfa Romeo, passavam nas ruas estreitinhas de dentro do HORTO e eram dirigidos por Cidinho, Zé Candoti e Kiú...

Em 1962, o Juvenal Caetano morreu assassinado pelo Alemão. O enterro do empresário foi um acontecimento fazendo, pela primeira e única vez, que a Gurigica recebesse gente ilustre da alta sociedade. Vieram para o enterro, entre outras pessoas, os empresários donos de empresas de ônibus, Camilo Colla (dono da Viação de Itapimirim) e João Havelange, ex- presidente das FIFA e membro do Comitê Olímpico Internacional. João Havelange era dono da Viação Cometa. Foi um enterro lindo com mais de 200 ônibus.

A Dona Laura, viúva de Juvenal Caetano, vendeu a empresa para o Seu Maurílio Bortolotti e ele mudou o nome da empresa para Viação Sideral. A Gurigica teve a primeira empresa de ônibus, da história, que fez alojamento para motorista e cobrador (nem a Itapemirim tinha). Sem contar as casas que Seu Maurílio fez no morro. A empresa dele fazia a Linha bairro da Penha x Alagoano. Seu Maurílio tinha 152 afilhados, todo mundo queria ser compadre dele para ter o passe livre. É o homem mais humano que existe.”

por seu José Barbosa, o Roliço



Campos de Futebol – Times Botafogo, Grêmio, Olaria e Jabaquara

“Nós tínhamos três campos de futebol em **Consolação**, sendo que dois eram terrenos que não valiam nada na época.

Um campo era do time do Botafogo, de seu João Paraíba, que infelizmente vendeu o terreno. O Botafogo que tinha Nego Bel, um dos maiores zagueiros da **Gurigica**.

Tinha o campo do Olaria Futebol Clube (time dos pés de cana), que se reunia toda sexta-feira no **Bar do Cartucho**, para comer churrasco de gato. Não tinha um gato na **Gurigica** que “Miranha” não pegava para fazer churrasquinho.

O campo do Oriental (remanescente do Grêmio) era dos garotos mais elitizados. Os terrenos desses dois campos foram loteados e hoje é a Rua Antonio Borges que passa lá. Os campos de futebol eram ali onde está a **Faculdade Americana** e as gráficas. Tinha muita rivalidade e todo domingo tinha briga entre os times e a torcida de futebol. Ficava lotado por ali. Tínhamos o Jabaquara que era um time organizado, tinha concentração, trazia jogador de fora, de **Marilândia**, de **Aracruz**...Nós tivemos a honra de ter nascido ali um dos maiores zagueiros do **Espírito Santo**: o Orion Jurubeba...Um dos maiores goleiros da **Gurigica** e do **Espírito Santo**, da **Seleção Capixaba**, foi o Djalma que recebeu até um prêmio por nunca ter recebido um cartão amarelo”.

por seu José Barbosa, o Roliço

Encosta do Morro de Consolação



Imagem do Arquivo Público Municipal de Vitória mostra a contenção de encosta no Morro da Consolação feita por volta de 1991, depois que morreram três pessoas na casa de Ivo Peroba e Dona Mariana, agente de saúde, por causa do rolamento de uma pedra.

Nossa história Nosso Bem



Território do Bem - Vitória - ES

